

## **36° Encontro Anual da ANPOCS**

### **GT 01 – Ciberpolítica, Ciberativismo e Cibercultura**

#### **A Competência Técnica Encarnada no Educador Social - Peça Fundamental na “Inclusão Digital”**

**Lucia Mury Scalco**

## INTRODUÇÃO

Este artigo faz parte de uma pesquisa que visa descrever o impacto da informática na vida cotidiana de moradores dos bairros periféricos e propomos agora olhar mais de perto para uma peça fundamental na chegada dessa tecnologia nesses locais, pois as dificuldades não se reduzem à questão da compra das máquinas... Uma vez adquiridas e instaladas, esses equipamentos precisam ser mantidos e atualizados com frequência.

Para ilustrar, resumo a seguir as principais reclamações técnicas em relação ao computador encontradas em campo: o micro inicia no modo de segurança ou trava, congela, exibe uma tela azul com mensagem de erro e precisa ser reiniciado a todo momento; PC lento, desempenho fraco; não pode abrir muitos aplicativos ao mesmo tempo. O micro não desliga, *só na marra*, forçando. O computador apresenta mensagens de que o sistema está com pouca memória, arquivos que não abrem (corrompidos), defeito na placa-mãe, aquecimento por causa do calor, (*o computador fica louco*), computador que molha por causa da chuva e de goteiras, travamento total do Windows (famosa tela azul, geralmente devido à instalação de *software* pirata), problemas com os periféricos, *scanner*, *mouse*, teclado, máquinas fotográficas digitais, (não abre as fotos), programas em conflitos, ataque de vírus que infectam o computador de diferentes maneiras, por *e-mail*, pela internet, pelo *pendrive*, entre outros, e o campeão dos problemas: não consigo me conectar à rede, o modem 3G não funciona, lentidão com a internet. Um informante com humor resumiu o seu problema: *acho que tenho um computador à lenha*.

Em praticamente todas as famílias pesquisadas, ocorreram diferentes episódios que interromperam – muitas vezes por longos períodos de tempo – o acesso ao computador. As causas variam entre a falta de dinheiro para o pagamento do plano de acesso aos mais variados problemas técnicos, conforme já foi especificado no parágrafo anterior. Não se trata de inventariar todas as dificuldades existentes quando da aquisição de um computador, mas de entender a centralidade do *amigo expert*, quando se deparam com um problema técnico em suas práticas cotidianas. Muitas são as frustrações advindas com a informática e a internet. O dia a dia de quem usa o computador é cheio de surpresas – algo, aliás, que acontece com todas as pessoas e em todas as classes sociais. Porém o impacto de um problema dessa natureza é sentido, resolvido e absorvido de maneiras bastante distintas, variando conforme o capital econômico (tipo de

equipamento, disponibilidade financeira para pagar um técnico ou uma empresa) e – elemento fundamental – o capital social que aquela pessoa possui acionado para resolver o problema: o popular amigo *bruxo* (ou o amigo *que entende de computadores*).

Este artigo pretende refletir sobre a centralidade de determinado mediador na resolução desses problemas na figura de Toni. Para muitos no Morro, o Toni, que será apresentado a seguir, é a solução dos problemas. O número de pedidos de ajuda que ele recebe via redes sociais e/ou pessoalmente é muito grande. Conforme confidenciou: “às vezes me escondo, porque não paro. Fim de semana é pior! Todo mundo me pede alguma coisa...” Desse modo, é possível observar que, assim como as demais políticas sociais de intervenção e educação nos bairros periféricos, essas políticas dependem pesadamente de uma determinada figura que fica a metade do caminho entre o profissional e educador social. Sem a “militância” dessa figura, o “acesso” à informática não seria nada evidente. Ademais, conforme será visto, essa militância envolve o mediador em redes, gerando capital social e simbólico, que transformam sua própria vida.

### **1. A REPRESENTAÇÃO DE TONI NA VIDA COTIDIANA...**

Toni é uma pessoa que já conheço há bastante tempo, entretanto, para realizar essa etapa da etnografia, novos encontros foram marcados para ouvi-lo descrever e detalhar a sua trajetória e o seu trabalho. O detalhe interessante é que ele levou bastante a sério a pesquisa e, mesmo sabendo que as minhas impressões não seriam construídas somente a partir da sua fala, ao longo das nossas inúmeras conversas/entrevistas, Toni sempre tentou passar uma posição muito favorável do seu trabalho e literalmente me “convencer” acerca do seu posicionamento e opiniões. Nesse sentido, a obra de Goffman (1996) traz luz para o entendimento desse comportamento, pois o autor, ao analisar a estrutura dos encontros sociais, esclarece como os participantes representam-se e como nos apresentamos aos outros, priorizando, para isso, aspectos da vida cotidiana que normalmente passam despercebidos a grandes esquemas sociológicos. O autor utiliza-se da metáfora da ação teatral para mostrar que, na vida social, o indivíduo tratará de controlar as impressões que sua pessoa causa nos demais, exibindo uma espécie de ritual de comportamento adequado para cada uma das situações em que se vê imerso. Sua teoria ajuda a ler as diversas pistas que Toni forneceu ao longo da nossa interação. São os

chamados “indícios sutis” que Bourdieu (2004), comentando a teoria de Goffman, mostrou como eles captam a lógica do trabalho de representação.

### **1.1 O Personagem**

Toni, 28 anos, é educador social, especializado em informática, morador do Morro da Cruz. Estudou sempre em escolas públicas locais, completando o segundo grau. Com 17 anos de idade, iniciou no curso extraescolar de manutenção de computadores no Instituto Murialdo e atualmente é funcionário dessa instituição (com contrato de 20 horas), onde atua como instrutor de informática em diversos cursos e programas oferecidos pela Rede de Ação Social. Além disso, possui outro emprego, em uma ONG (mais 20 horas), na qual realiza oficinas de criação, produção e edição de audiovisuais como educador e técnico.

Toni é casado com Kiara (26 anos de idade) e é pai de Evelyn (7 anos) e Pedro (3 anos). Ele usa roupas de marca "modernas" e brinco. Já usou *piercings*. O cabelo, que hoje é curto, variou desde tranças afro (como forma de valorizar sua negritude) até um tamanho mais comprido, possível de se fazer rabos de cavalo. Ele sempre renova seu estilo e tais transformações, que parecem acompanhar as tendências estéticas de um universo juvenil, o despontam entre os jovens como um modelo de sucesso a ser seguido. Uma marca registrada da sua personalidade é a sua calma e a maneira afetuosa como trata as pessoas. Conheci o Toni em 2006, quando iniciei minha pesquisa para o mestrado. Devido a todos esses anos de convivência, somos amigos e temos vários conhecidos em comum, o que nos proporciona encontros com alguma frequência, além da comunicação via redes sociais, que sempre reforça e atualiza a amizade. Perguntei se ele poderia participar da pesquisa, o que foi logo aceito. O difícil foi acertar os encontros, pois Toni trabalha muito, inclusive aos finais de semana.

### **1.2 A Importância da Família**

A casa do Toni fica no alto do Morro, ao pé da Cruz, porém ele preferiu conversar na casa de sua mãe. A casa é um chalé antigo, bem simples, construído em um amplo terreno, que abriga várias casas de membros da família, que vão construindo conforme a necessidade *nos fundos* do terreno e compartilham o mesmo pátio, água, luz e a mesma entrada. Fica localizada no início de uma das avenidas que sobem o Morro, e a paisagem da rua é bem heterogênea, pois existe na vizinhança casas de alvenaria, bem novas e com amplos portões jardins e garagens. Ao pesquisar o local, Fonseca observou essa

característica do bairro que convive com uma “estranha justaposição de luxo e de miséria, do sofisticado e do rude” (FONSECA, 2002, p. 49).

Toni é bem próximo da família, e age como se estivesse na sua própria casa. Contou que, mesmo depois de casado, moraram alguns anos naquela casa, e só saiu quando a filha nasceu e porque a esposa pediu. Entretanto, a convivência diária continua, e agora a família o apoia e o ajuda na criação dos filhos<sup>1</sup>. Na entrada, na parte de baixo da casa, existe uma peça grande, onde conversamos. As crianças a toda momento o demandavam e, por cerca de 1 hora, conversamos sobre os mais diversos assuntos. Toni resumiu sua trajetória dando destaque a essa família e, em especial, a mãe que tanto o ajudou. Nasceu e foi criado na comunidade do Morro da Cruz. Não conheceu o pai e, desde pequeno, cuidou do irmão e da irmã para que a sua mãe (Marcia) pudesse ganhar a vida como doméstica. A mãe casou novamente mais tarde, com quem teve mais 2 filhos (um rapaz que atualmente tem 17 anos de idade e uma menina de 15 anos). Há ainda um novo membro na família, o Mateus, de 14 anos, “adotado” há 2 anos<sup>2</sup>.

A mãe sempre se *esforçou* e trabalhou muito para dar tudo aos filhos e, conforme depoimento de Toni, ela sempre “teve uma mentalidade moderna, aberta”, acreditando na informática, dando importância à tecnologia, mesmo sem fazer muito uso dela. Foi ela quem o inscreveu no curso do Murialdo, sendo também quem lhe ofertou o seu primeiro computador e quem pagava a conexão. “Fomos um dos primeiros a ter acesso à internet aqui no morro”, afirmou orgulhoso. Na sua opinião, ele e seus irmãos tiveram uma educação “diferente” porque a mãe deu aos filhos liberdade e responsabilidade: “cuidei do meu irmão e depois das gurias. Agora são eles que cuidam dos meus filhos. Acho que isso funciona bem. Quero repetir na educação das crianças essa maneira de ser da mãe!”

---

<sup>1</sup> Duarte (2008) também aponta, no seu estudo sobre a dinâmica social de três redes familiares de classe popular, para a centralidade, a dinâmica constitutiva e a importância que representa *a casa* como referencial essencial de espaço, identidade e de agregação familiar nos grupos populares.

<sup>2</sup> A história da adoção desse menino é cercada pela tecnologia e a informática, pois, devido à atração pelo vídeo-game e o computador, ele passou a frequentar a casa da família. Como tinha uma família com muitos problemas, aos poucos foi “se chegando”, passando a fazer as refeições e a virar as noites jogando, quase não frequentando a sua casa original. A mãe do menino, muito doente, antes de morrer, ligou para a Márcia e lhe pediu para que ela cuidasse do filho, que “era só no mundo”. O pai foi internado pelo vício do álcool, e então a família do Toni resolveu adotá-lo “de vez”. A adoção deu-se informalmente, pelo convívio, não passando pelos trâmites exigidos em um processo de adoção. Perante a lei, ele continua dependente do seu pai.

### 1.3 A Competência que Compensa a Falta de Recursos

Toni sublinha de todas as maneiras a importância de sua família para sua formação: desde a orientação e oportunidades propiciadas pela mãe e a ajuda que recebe dos irmãos para cuidar dos próprios filhos até seu uso contínuo do espaço da casa de sua mãe (até para marcar encontros com a antropóloga). Certamente, encontramos aqui muito do que já foi descrito na literatura dos anos 1980 sobre a reciprocidade (e redes de ajuda mútua) em famílias de grupos populares (LOMNITZ, 1989; SARTI, 1996; DUARTE, 1986; FONSECA, 2002). No entanto, tal como ressalta Duarte (2008), certo ethos holista vive em tensão com o ideário moderno de individuação.<sup>3</sup> E é esse aspecto que encontramos em Toni, pois ele apresenta-se, de certa forma, como um *self-made man* – alguém que, apesar da falta de recursos, conseguiu à base do esforço e da inteligência, achar um jeito para superar as limitações de sua condição modesta.

Toni não tem internet em casa (“o modem 3G é muito caro, a velocidade ruim, não compensa”, comenta Toni), mas garante que a limitação da conexão não é um problema, pois costuma conectar-se à internet na casa da sua mãe (que tem 3 computadores, localizados nos quartos). Também usa a internet no trabalho do Murialdo, pois (como Toni nos lembra) permanece durante todo o tempo das aulas *online*. Além do mais, em sua própria casa, otimiza seu tempo *offline*,<sup>4</sup> fazendo projetos, editando vídeos, estudando, programando e/ou realizando consertos e manutenção em computadores.

Além disso, Toni lembrou que os computadores pessoais (que já têm mais de 30 anos de história apesar de somente agora estarem *engatinhando* no Morro da Cruz) já estão sendo superados tecnologicamente, pois o mercado de informática já está vivendo uma nova fase, com a previsão de que, em breve, o computador tradicional que conhecemos (de mesa ou *notebook*) deixe de ser o equipamento principal para conectar-se com a internet, que passará a ser acessada pelos novos celulares inteligentes e os *tablets* (computador em forma de prancheta eletrônica, sem teclado e com tela sensível

---

<sup>3</sup> Para Duarte (2008), o conceito de individualização é indissociável da temática do processo de modernização e/ou de “mudança social”, da possibilidade de algum tipo de “mobilidade” ou ascensão social. Conforme suas palavras: a temática da individualização trata-se “de um meio para tentar compreender aquelas transformações críticas na relação da pessoa com sua trama relacional atribuída, e que possa implicar uma mudança mais ou menos estável de estilo de vida, de autoimagem, de formulação de projetos individuais (ou relativos a família nuclear) e de assunção de uma visão de mundo igualitarista” (DUARTE, 2008, p. 244).

<sup>4</sup> *Online e offline*: termos emprestado da informática, que distingue o tipo de comunicação ou atividade pela rede, ou em outras palavras, se o computador está conectado ou não.

ao toque). É a chamada *era pós-pc*<sup>5</sup>, que traz mudanças e inovações no tipo de interação, mobilidade e portabilidade. Toni já tem um *iphone*<sup>6</sup> de última geração, fruto de um projeto, em que ele e José, seu colega instrutor de informática do Murialdo, que será apresentado a seguir, escreveram e que foi selecionado pela FUNARTE, órgão do Ministério da Cultura. Trata-se do TV Nômade<sup>7</sup>, que basicamente é um *site* que disponibiliza vídeos feitos via celular com pautas de reportagens experimentais produzidos pelos jovens moradores do bairro, para a divulgação das manifestações artísticas e culturais da comunidade. Portanto, mesmo sem um computador com acesso à internet, Toni está 24 horas por dia conectado. Está sempre procurando redes Wi-Fi gratuitas para conectar-se. Inclusive foi ele que apresentou esse *saber* ao DJ Saúva (outro informante que já foi apresentado no capítulo 2), demonstrando a viabilidade técnica da conexão à internet através de redes abertas com acesso livre e gratuito. Quanto ao seu aprendizado técnico, também procurou aprimorar-se realizando diversos cursos, pagos por ele mesmo (programação, modelagem de dados, entre outros). Toni contou que foi aprovado no ano de 2009 no vestibular da ULBRA, para pedagogia, mas teve que *adiar o sonho* de fazer faculdade em nome de sua própria família. Primeiro quer *encaminhar* as crianças e *se firmar* na vida.

## 2 OS PRINCÍPIOS MORAIS DO EDUCADOR SOCIAL

Neves (2007), analisando o “campo institucional da caridade”, por meio de projetos sociais desenvolvidos em diversas instituições assistenciais que atendem jovens carentes, destacou o importante trabalho realizado pelos mediadores – ou educadores sociais – dentro do que denominou “projetos de reordenação moral”, que buscam a inserção social desses jovens, transformando-os de jovens em “situação de risco” para

---

<sup>5</sup> O termo pós-PC – cunhado pelo diretor da Apple, Steve Jobs – tem sido usado por especialistas e executivos da indústria de informática para referir-se aos novos equipamentos como o *iphone*, *iphode* e o *ipad*, considerados e lançados no mercado como mais fáceis e intuitivos de serem usados.

<sup>6</sup> O *iPhone* é um telefone da marca Apple que é uma espécie de computador portátil. Com esse aparelho, além de poder falar, também é possível navegar na internet, gravar vídeos com alta definição e baixar inúmeros aplicativos com as mais diversas funções. Toni contou que existem já alunos que têm computador em casa, porém possuem esse equipamento, que teoricamente é um equipamento que custa muito caro para o perfil de quem frequenta a instituição. Perguntei se eram roubados, e Toni riu, dizendo que sobre isso não se pergunta, “não sei, não se pede nota fiscal...”, mas confirmou que existe um mercado de equipamentos digitais roubados, com preços, obviamente, muito mais acessíveis.

<sup>7</sup> Fonte: TV nômade. Disponível em: <http://www.tvnomade.org/> Acesso em: 04/01/2012.

jovens portadores dos valores da sociedade solidária” (NEVES, 2007, p. 79). A autora dá destaque a esses profissionais “mediadores”, alguns voluntários, pois “oferecem-se como paradigmas da eficácia desses projetos, já que, muitas vezes, eles alcançaram essa posição por adesão a esses mesmos aportes institucionais” (NEVES, 2007, p. 79).

Sem esquecer os aspectos ligados à agência individual que serão trazidos à tona na etnografia, apresentaremos a seguir uma breve contextualização de duas diferentes ideologias constitutivas do universo empírico em que Toni transita e que acreditamos ter influência na sua formação, tanto educacional, profissional, como na sua militância política. Quais sejam: 1) O ethos religioso, a filantropia, a caridade; 2) A nova utopia digital através do *software* livre. Esses processos obviamente se mesclam e se interpenetram no cotidiano, mas aqui, para auxiliar a análise, serão apresentados separadamente.

### **2.1 A pedagogia do Amor: Educando Corações**

Esse é o *slogan* da Instituição Leonardo Murialdo, onde Toni trabalha e local em que realizou sua formação. Na narrativa da documentação que produz, a instituição destaca-se pelo seu caráter filantrópico e assistencial e pela sua história, uma vez que estão presentes no Morro há mais de 50 anos. O Murialdo apresenta-se como uma congregação católica que objetiva a educação integral de crianças, adolescentes e jovens empobrecidos, conforme folheto distribuído nas obras integrantes da Instituição. O padre fundador é apresentado como socialmente engajado e empenhado com as lutas sociais e políticas da sua época. Esse seu passado político – vivido na época da Revolução Industrial – é usado para legitimar as ações de inclusão digital que a instituição promove atualmente no Morro da Cruz. Certo dia, ouvi de um padre da instituição: “estamos revivendo a história da congregação levando agora nossos valores para a era da Revolução Digital; como na fundação da nossa igreja em que a meta era a alfabetização, agora a meta é levar o conhecimento da informática, a alfabetização digital para os pobres.”

A sua estrutura física, além das duas igrejas e um colégio particular de ensino, é composta por mais cinco edificações espalhadas pelo Morro, que abrigam os diferentes programas e projetos voltados para a comunidade. Especificamente sobre a infraestrutura informacional, a instituição possui cerca de 80 computadores em três redes com conexões com a internet. Além disso, administram um Telecentro da prefeitura, que possui 10



computadores, sendo quatro com conexão via internet. Eles são os responsáveis pela a escolha dos monitores que lá trabalham e também ministram alguns cursos no local, como informática para a terceira idade.

A equipe da instituição é formada por cerca de 60 pessoas, entre profissionais (assistentes sociais, pedagogos, professores) alguns poucos voluntários e religiosos que trabalham no que denominam de Rede de Ação Social. Estão divididos por projetos e pelas unidades de atendimento, tendo sempre um coordenador. A relação de trabalho existente entre a instituição e esses “funcionários” ilustra a tensão existente no campo religioso. Nesse sentido, conforme afirma Bourdieu (2005), há uma ambiguidade no trabalho dos funcionários e voluntários em Instituições Religiosas, pois eles participam, ao mesmo tempo, de um universo econômico (já que são empregados, com carteira assinada) e do antieconômico (economia da oferenda, da benemerência, do sacrifício).

O termo cidadania também está presente na relação entre a instituição e seus funcionários. O “trabalhar a mais”, participar de atividades extras como palestras, encontros, retiros espirituais, mutirões de solidariedade, etc., apresenta-se como algo que transcende a prática religiosa, remetendo-nos à ideia de um dever como cidadão. Interessante observar a relação dialética que se estabelece entre a religião e a sociedade civil, que resulta no que Camurça (2003) denominou de “religião social”, esse “civismo de novo tipo que, apoiando-se no específico da religião: os sentimentos, os rituais, valores morais,... vêm implementando novas formas de ação” (CAMURÇA, 2003, p. 58).

Portanto, nesse cenário que a instituição Murialdo se insere, articula-se e media os seus muitos projetos desenvolvidos por meio de parcerias com o governo federal, estadual, municipal e também ONG’s internacionais, o que a leva a ter um papel quase hegemônico no campo da assistência social no Morro da Cruz. Conforme Neves (2003), o que está ocorrendo com as instituições religiosas é que agora, além das responsabilidades no campo da assistência e da caridade, elas precisam capacitar os jovens atendidos para o mercado de trabalho, proporcionando algum tipo de formação profissional. E no Murialdo eles priorizaram as ações de inclusão digital, acreditando que “saber operar um computador” é uma habilidade que ajuda os jovens a ingressar no mercado de trabalho. Além disso, a instituição também inclui o “acesso ao mundo digital” como um dos direitos básicos do cidadão.

Nesse sentido, vale a reflexão do Pochmann (2004), o qual aponta que, ao contrário dos jovens das classes médias e altas, os das classes populares, quando chegam à adolescência, são convocados pela família a colaborar na estratégia de sobrevivência do núcleo familiar. O trabalho é uma das poucas condições de mobilidade social, porém, ao ingressarem muito cedo no mercado, o fazem com baixa escolaridade, ocupando as vagas pouco valorizadas e conseqüentemente com as mais baixas remunerações.

Assim, a importância e o prestígio que o educador social Toni possui na comunidade é devido (além dos seus méritos pessoais) à relevância estratégica que a informática representa para essa instituição. No Murialdo, são oferecidos cursos de inclusão digital desde 1998. A primeira turma iniciou com 25 alunos e atualmente a instituição já contabiliza mais de 1.500 alunos que tiveram as suas primeiras noções de informática através da instituição. Isso porque a informática tornou-se uma disciplina obrigatória para todos os cursos disponibilizados, inclusive para os cursos considerados manuais, como corte e costura e padaria, que têm dentro da sua carga horária, espaço para que os alunos aprendam a usar o computador e a conectar-se à internet. Em razão disso, Toni e o seu colega José, que será apresentado a seguir, tornaram-se muito populares dentro da comunidade.

## **2.2 *Software* Livre: Socialmente Justo: Economicamente Viável, Tecnologicamente Sustentável**

O *Software* livre (SL) é um programa de computador desenvolvido de forma colaborativa que pode ser usado, copiado, estudado, modificado e redistribuído sem nenhuma restrição. A liberdade de tais diretrizes é central ao conceito, o qual se opõe ao de *software* proprietário. Existe farta literatura sobre o assunto, , porém consideramos importante ressaltar alguns aspectos do movimento que acreditamos que possuem relevância para o entendimento das posturas e do discurso de Toni, uma vez que ele é membro filiado da entidade e, mesmo não sendo (conforme as suas palavras), um xiita, milita e comunga do ideário do movimento.

O SL apresenta-se como um novo modelo de produção e de geração de conteúdo e simboliza uma alternativa tecnológica para a barreira que representa a propriedade intelectual na questão da produção dos *softwares*. Para Vianna (2003), a implantação dessa ferramenta é a batalha política mais importante que está sendo travada hoje nos campos tecnológicos, econômicos, sociais e culturais. O Movimento *Software* Livre

considera as questões éticas e políticas como uma parte essencial do projeto, cuja filosofia de livre troca de conhecimentos pode ser resumida em quatro tipos de liberdade, quais sejam: 1) liberdade para executar o programa, para qualquer propósito; 2) liberdade de estudar como o programa funciona, e adaptá-lo para as suas necessidades (acesso ao código-fonte); 3) liberdade de redistribuir e vender cópias de modo que você possa ajudar ao seu próximo; e 4) liberdade de modificar o programa, e liberar essas modificações, de modo que toda a comunidade se beneficie.

Algo semelhante ocorre nos dias de hoje com a comunidade brasileira de *Software Livre*. Conforme mostra a pesquisa de Murillo (2009), que estudou as diferentes práticas culturais e os laços existentes nesses grupos, os seus membros também são ranqueados por critérios. Especificamente no caso do SL, o autor apontou que o que está em jogo é a dimensão do trabalho disponibilizado e o prestígio pessoal decorrente dessa participação. Esses princípios estimulam e tentam recuperar a dimensão da generosidade, da reciprocidade e da dádiva, o que comporta mais aproximações com a teoria antropológica.

Outro trabalho que também se utiliza da perspectiva da dádiva é o artigo de Apgaua (2004), que analisa o surgimento do sistema operacional Linux (pioneiro do movimento do SL). O argumento central da autora é que as trocas ocorridas nesse novo processo apontam para outros tipos de lógicas, que não a de mercado, uma vez que o idealizador do dito *software* optou por abrir o seu código-fonte e oferecê-lo gratuitamente na internet. O que ocorreu (e ocorre até os dias de hoje) é que pessoas de diversas partes do mundo têm participado do seu desenvolvimento, em um exemplo de trabalho colaborativo. Esses projetos são mantidos pelas chamadas comunidades de desenvolvimento, que operam por meio de listas de discussões com membros espalhados pelo mundo, nos chamados *wikis* ou *sites* colaborativos. O projeto mais conhecido é a Wikipédia, enciclopédia em vários idiomas e *online*, construída por pessoas de várias partes do mundo, todas voluntárias. Toni é convencido desse “discurso” e acredita que o maior empecilho para as pessoas usarem essa nova ferramenta seja o de adaptação: o pessoal está acostumado com o Windows, com aquele esquema: *aperte aqui que a gente faz tudo...*

### 3. A ATUAÇÃO DO EDUCADOR SOCIAL TONI

Durante todo o seu discurso, Toni coloca em relevo a importância do que chama “trabalho social”. Esse é um termo cujo significado foi se construindo durante os diferentes cursos que fez, a iniciar pelo próprio Murialdo: “aprendizado que tive ali foi fundamental para mim, me formou, me ensinou a refletir sobre as questões sociais. Agora sou da casa, tenho carteira assinada, sou um educador social!

Toni destaca elementos fundamentais dessa trajetória. Seu esforço foi reconhecido e valorizado pelos padres que o convidaram a continuar nesse caminho. Em 1999, depois de formar-se como aluno no curso de informática, foi indicado para participar do curso de educador social, somando uma determinada filosofia humanista ao seu novo saber técnico. Tornou-se então funcionário da instituição ou, melhor dito, um “membro da casa”, com direito a signos de uma legitimidade cidadã – como a carteira assinada e acesso a uma nova rede que se estende muito além do bairro periférico onde ele vive.

Coerente com espírito da filosofia do trabalho social, Toni dá destaque ao trabalho colaborativo, chamando atenção particular para o seu colega e “mestre” José, *expert* e autodidata em informática, responsável pelos primeiros cursos gratuitos de informática no Morro da Cruz em 1998, e atualmente José gerencia tudo que envolve novas tecnologias e computação no Murialdo. Sempre orientou e passou seus ensinamentos e pesquisas aos alunos. Agora Toni, o mais brilhante dos discípulos, está levando adiante o espírito desse projeto. E bem dentro da ideia de conhecimento compartilhado, e da circularidade da informação, Toni agora é também um *mestre* para muitas pessoas no morro, por exemplo, para o DJ Saúva.

Conforme Toni relata, ele e José possuem uma *caminhada* desde 2007, ano em que começaram a ministrar juntos cursos específicos de informática dentro da instituição. Essa parceria singulariza-se pela didática que eles construíram para propiciar a chamada *inclusão digital*, partindo da realidade e do interesse dos próprios jovens. Na prática, isso significa que eles usam os *sites* de relacionamento (Orkut e Facebook) e os jogos eletrônicos como ferramentas pedagógicas para introduzir o mundo digital na vida deles. Toni diz: “Não demonizamos nada. Nem os jogos nem as redes sociais. Eles fazem parte da proposta pedagógica da qual acreditamos. A partir daí, pode-se ensinar muitas coisas. Mas não é muito fácil. É uma negociação...” Nos cursos – conforme será visto a seguir

nos três exemplos relatados por Toni –, ele e José ensinam muito mais do que um saber técnico. Junto com a teoria vêm valores que dizem respeito a temas caros ao campo dos educadores sociais, como ecologia, tecnologia, propriedade intelectual e o mercado de *softwares*, além dos valores morais de esforço, disciplina e coleguismo.

### **3.1 Exemplo 1: Recuperando Sucata**

Os episódios a seguir foram destacados pelo próprio Toni como exemplos do tipo de trabalho que faz. Já que as conversas com ele não foram gravadas, a seguir passo a parafrasear as palavras de Toni.

Mariana (15 anos), nossa aluna, ganhou um computador usado da patroa da sua mãe. Um Pentium III. Uma carroça, um equipamento muito antigo, de cerca de 10 anos atrás, e que não estava funcionando. Poderia ser considerado uma sucata ou mesmo lixo<sup>8</sup>. Ela solicitou nossa ajuda e então resolvemos fazer o conserto do computador da Mariana, conteúdo para algumas das nossas aulas práticas. A aluna gostaria também, além do conserto, que o seu computador fosse *turbinado* para que pudesse também rodar alguns jogos, preferência do seu irmão menor, de 12 anos de idade. Os alunos encararam como um desafio e, na sala de aula, em conjunto, pensando e dando ideias, conseguiram consertá-lo. Mariana comprou uma placa de vídeo 3D (que custa cerca de R\$ 180,00), a instituição doou mais algumas memórias, e trocamos a placa-mãe. Foi um aprendizado para todo mundo. Esse computador deu certo, porém é um pouco frustrante trabalhar com reciclagem por que é preciso saber calcular o custo-benefício de cada equipamento. Normalmente os alunos chegam com muitas expectativas, querendo rodar *Orkut*, ver vídeos no *Youtube*, ou mesmo jogar como nos computadores das *Lan Houses*. Muitas vezes não é isso que acontece! Mesmo eu sabendo sobre importância da reciclagem para o meio ambiente, existem também outras variáveis, por exemplo, o gasto de energia despendido por um computador antigo. Não dá pra fazer mágica, tem hora que não vale a pena gastar dinheiro. É melhor montar um novo PC.

### **3.2 Exemplo 2: Promovendo o Software Livre**

Cristiana, 16 anos, estudante do 1º ano do ensino médio, comprou um

---

<sup>8</sup> Obsolescência tecnológica é o termo usado na informática para designar um produto que deixa de ser útil; muitas vezes estando em perfeito estado de funcionamento, mas em comparação com as novas máquinas e tecnologias introduzidas no mercado, torna-se obsoleto, sem grandes valores monetários no mercado. Na etnografia do Saúva, no capítulo 2, discuto essa questão com detalhes, pois os mesmos reciclam equipamentos do lixo e depois os comercializam no Morro.

computador com incentivo fiscal do governo<sup>9</sup> em uma loja do centro. Originalmente veio com o *sistema operacional Linux* e com vários outros softwares livres, que a aluna contou odiar e nem conseguir usar. Cristiana conseguiu uma versão pirata do Windows e achou que era só instalar e tudo estaria resolvido. Porém como o sistema operacional original ainda estava instalado, deu conflito, e o seu computador ficou muito lento. Além disso, depois da instalação do *software* pirata, começaram a aparecer mensagens do Windows, dizendo primeiramente: “Você pode estar usando uma cópia pirata”.

Toni em sala de aula. *Fonte:* Toni (10/04/2010).

A aluna não deu importância e, depois de algumas semanas, novas mensagens surgiram, dessa vez em um tom mais agressivo: “Essa cópia Windows não é original”; e por fim, um dia depois surgiu uma estrelinha no canto direito da tela; o computador da aluna tinha travado de vez. Cristiana nos pediu ajuda e levou o seu computador para o Murialdo para ser formatado. O nosso curso tem como objetivo dar uma iniciação à informática e não aborda questões específicas de programação. Precisamos e damos orientação para os alunos sobre todos os programas, inclusive o Windows. O uso do *software* livre é estimulado e apresentado aos alunos, ressaltando as suas vantagens, como o de ser grátis, ter o código-fonte aberto, ser mais seguro, estável, além de ocupar menos memória. Eu, pessoalmente, sou usuário do *software* livre, mas usa quem quer. Não imponho goela abaixo a minha opinião. No caso específico da Cristiana, nós (eu e João) explicamos que, caso ela optasse pelo *Linux*, o seu computador não precisaria ficar parado aguardando as instalações ou atualizações que frequentemente são necessárias, porém um detalhe importante é que essa aluna não tem banda larga. Usa a internet via telefone, por conexão discada, que pelo alto custo e tráfego de dados, só é utilizada pela aluna e sua família à noite e nos finais de semana.

Aparentemente, a “não imposição” de Toni surte efeito. Cristiana, afinal, opta por voltar para o sistema original do seu computador, o *Linux*, pelas vantagens oferecidas (ser mais prático, estável, além de não ter vírus), mas principalmente por que isso não a impediria de instalar os aplicativos Windows, que mesmo piratas, agora teriam mais proteção e menos riscos.

### **3.3 Exemplo 3: Inverte-se a Lógica – Troca do Windows pelo Linux**

---

<sup>9</sup> Trata-se do Projeto Cidadão Conectado – Computador para Todos, Projeto iniciado em 2003.

Rafael, 16 anos de idade, ganhou em 2010, de seu professor de matemática, um PC usado (Modelo Durham 1200) que não estava ligando. O aluno levou o computador para fazer manutenção na atividade do Trabalho Educativo, o que virou novamente uma atividade para toda a turma. Os colegas teriam que ajudar a fazer a manutenção, descobrir por que o PC não ligava, além de realizar um diagnóstico da máquina e avaliar se valia ou não a pena consertá-lo. Primeiro eles desmontaram a máquina e fizeram uma limpeza. Digo eles, por que eu só fiquei auxiliando. Os alunos que comandavam conseguiram avaliar que o computador era bom, mas faltava memória e que era preciso instalar um novo sistema operacional. Aí começaram as discussões. Depois de muita conversa, Rafinha decidiu experimentar o *Linux*. Como ele não queria *software* pirata, resolveu experimentar e instalar o *software* livre Ubuntu 10.4, o que o deixou bem satisfeito. No final daquele ano, o aluno ganhou do pai um PC novo e decidiu doar sua antiga máquina para a instituição. E o surpreendente é que, para o seu novo computador – que veio originalmente com o sistema Windows –, o aluno preferiu instalar um *software* livre o "Fenix". Pela primeira vez, a lógica inverteu-se: fizemos o caminho inverso, tiramos o Windows e colocamos um *software* livre. Rafael contou que toda a família usa o computador sem problemas e que acabaram os problemas com vírus. Assim, de acordo com o que foi detalhado no início do capítulo, Toni aprendeu a analisar a realidade nos termos propostos pelos padres e pelos outros militantes da rede de trabalho social de que faz parte, garantindo, como será visto a seguir, acesso a novos circuitos e oportunidades.

#### **4. CONEXÕES PARA CIMA: VIAGENS E NOVOS DESAFIOS**

Para entender as novas oportunidades que surgiram para Toni após sua adesão e conversão ao projeto de educador social, é necessário sublinhar duas novas características existentes no campo das políticas públicas e da assistência social: 1) a crescente reaproximação e legitimação das ações religiosas principalmente em iniciativas de combate à pobreza e promoção da cidadania no Brasil (BURITY, 2006) trazendo para essas instituições prestígio e empoderamento; 2) essas instituições passam a fazer parte e a estruturar-se em função de redes, objetivando maior eficiência na gestão de recursos, o que significa uma nova proposta de sociabilidade, conectividade e trocas das organizações entre si. Alguns exemplos: a Rede de Voluntariado, a Rede de Informações

para o Terceiro Setor e as redes municipais de ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) (BURITY, 2006).

Portanto Toni, ao fazer parte da instituição e conseqüentemente da Rede de Ação Social que o Murialdo se insere e se articula, passou a se relacionar – além dos contatos internos com os colegas de trabalho – com uma grande rede de profissionais e militantes de movimentos sociais. É extensa a rede de pessoas que trabalham ou participam do que Toni denomina *trabalho social*; que são contatadas em inúmeras reuniões, palestras, nos cursos, na formação, etc., atividades relacionadas à sua formação de educador social e/ou sua habilidade técnica em filmar, fotografar e assim registrar esses eventos. O Murialdo, assim, em um certo sentido (e usando os termos de Goffman), foi um ótimo palco para projetar Toni, que além do seu mérito e competência pessoal, representa muito bem o seu papel de educador social engajado nas questões políticas e sociais da juventude. Inclusive o seu novo trabalho no CAMP veio de pessoas que conheciam seu trabalho no Murialdo e o convidaram para lá trabalhar.

Essa ONG também está proporcionando importantes oportunidades para o Toni; Ele foi convidado a ir a um encontro da juventude em La Paz, Bolívia, porém decidiu não ir por causa dos filhos, mas recentemente foi o representante do CAMP<sup>10</sup> no I Acampamento Nacional do Levante Popular da Juventude<sup>11</sup>, evento realizado em Santa Cruz do Sul (RS), e levou 15 jovens das comunidades das ilhas para o acampamento que tinha reunido mais de 1.000 jovens de 15 estados brasileiros, que se reuniram para trocar experiências e discutir um projeto alternativo para a construção de uma sociedade mais justa. Toni contou que algumas perguntas *de ordem* que os jovens procuram discutir nos cinco dias de acampamento nas oficinas, palestras, conversas e festas eram: O que é ser jovem? O que nos une? Quem somos? O que queremos ser? Com o que sonhamos? O encontro contou com a participação de movimentos sociais brasileiros e argentinos. “Foi

---

<sup>10</sup> ONG que atua na mobilização e organização social, educação e capacitação de lideranças, destacando-se na produção de documentários, filmes peças publicitárias e campanhas de mobilização social que disponibiliza aos movimentos sociais. Disponível em: <http://www.camp.org.br> Acesso em: 09/10/2011.

<sup>11</sup> O Levante Popular da Juventude, fundado em 2006 no Rio Grande do Sul, integra um grupo de jovens que luta contra injustiças e desigualdades sociais. A organização atua junto a movimentos da Via Campesina e diferentes movimentos urbanos em todo o Brasil. Disponível em: <http://levantepopulardajuventude.blogspot.com>. Acesso em: 19/02/2012.



um aprendizado, muita festa, tem que ter pulso firme pra não perder o controle da gurizada...”

Um circuito importante pelo qual Toni transita é o Movimento do *Software Livre*. Todos os anos ele leva seus alunos ao evento FISL - Fórum Internacional *Software Livre*, que reúne em Porto Alegre um público bem diversificado, que vem buscar conhecimento, troca de experiência e rede de contatos. Outra oportunidade recente que surgiu ao Toni foi trabalhar filmando o carnaval. Foi um *dinheiro extra*, mas que o ajudou na construção da sua nova casa. Quem o convidou foi um colega do CAMP. Portanto, Toni foi adquirindo capital social e reconhecimento reiterado dos setores mais amplos da sociedade e, em certo sentido, podemos dizer que ele conseguiu romper com a estrutura social a qual está inserido.

## **.5 CONEXÕES PARA BAIXO: AJUDANDO OS MAIS CARENTES (ILHA DA PINTADA)**

Ao mesmo tempo em que o trabalho social o leva para um círculo mais amplo de sociabilidade, que traz novos conhecimentos e reconhecimentos para Toni, ele está engajado (em outro dos empregos pagos – com a ONG CAMP) em desenvolver um trabalho com os setores que ele considera “mais baixos” da sociedade. Toni é educador e um dos técnicos responsável pelo Projeto denominado Lente Jovem, que capacita jovens moradores das comunidades das ilhas de Porto Alegre<sup>12</sup> na produção de audiovisuais e objetiva, com a produção desses filmes, o desenvolvimento de uma visão e um olhar mais crítico sobre a realidade social e econômica na qual estão inseridos. Acompanhei-o em uma atividade que ele iria coordenar na ilha do Pavão – considerada a mais pobre delas, com mais problemas sociais. A dinâmica do encontro era uma integração entre os jovens das diferentes ilhas, que conheceram a comunidade (no caso, a ilha do Pavão) por meio de um passeio a pé e depois se reuniram para discutir sobre os problemas

---

<sup>12</sup> Ilhas de Porto Alegre – O rio Guaíba recebe as águas dos rios Jacuí, Caí, Sinos e Gravataí, formando, na confluência de todos eles um arquipélago composto por 28 ilhas, a maioria delas ainda desabitada. A Ilha Grande dos Marinheiros, Pavão, Flores e Pintada abrigam uma população de 15 mil pessoas. Os ilhéus vivem da reciclagem do lixo e da pesca, produzindo também artesanato. Disponível em: [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/turismo/default.php?p\\_secao=154](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/turismo/default.php?p_secao=154). Acesso em: 11/01/2012.

encontrados e escolher um tema relacionado àquela realidade para a produção de um audiovisual.

Nesse dia, estavam cerca de 30 jovens, e nenhum deles tinha internet em casa, porém todos tinham Orkut e/ou Facebook (que era acessado ao menos uma vez por semana), normalmente em *lan houses* ou como alguns mencionaram, em casa de amigos ou parentes. Toni atesta que a realidade dos arquipélagos é muito pior do que a do Morro da Cruz, pois “o pessoal das ilhas não tem o que a comunidade do Morro tem, como o luxo de ter vários Projetos, de diferentes entidades sociais.



Ilha do Pavão. Fonte: Toni (27/07/2012).

A verdade é que no morro, se a pessoa anda, ela consegue ir em frente! Lá (nas ilhas) não, falta tudo”. Ele exemplifica a precariedade das ilhas revelando dados da exclusão digital vivida pelos habitantes daquelas comunidades: a ilha do Pavão e a das Flores não possuem telecentros. Já a ilha dos Marinheiros tem um telecentro que funciona precariamente, pois não tem conexão: os computadores não acessam a internet. No entanto, ele contou que o jovem monitor desse local – por iniciativa própria – comprou um computador e um modem 3G com o seu salário (cerca de R\$ 350,00) e empresta para o telecentro, disponibilizando, assim, um pouco de acesso à internet para a comunidade. Toni elogia essa atitude desprendida do estagiário: “isso é muito legal, essa coisa do se virar e fazer acontecer!” Todos estavam vestidos conforme a moda, com tênis e roupas de marca, reforçando a tese de que o consumo de roupas e acessórios é

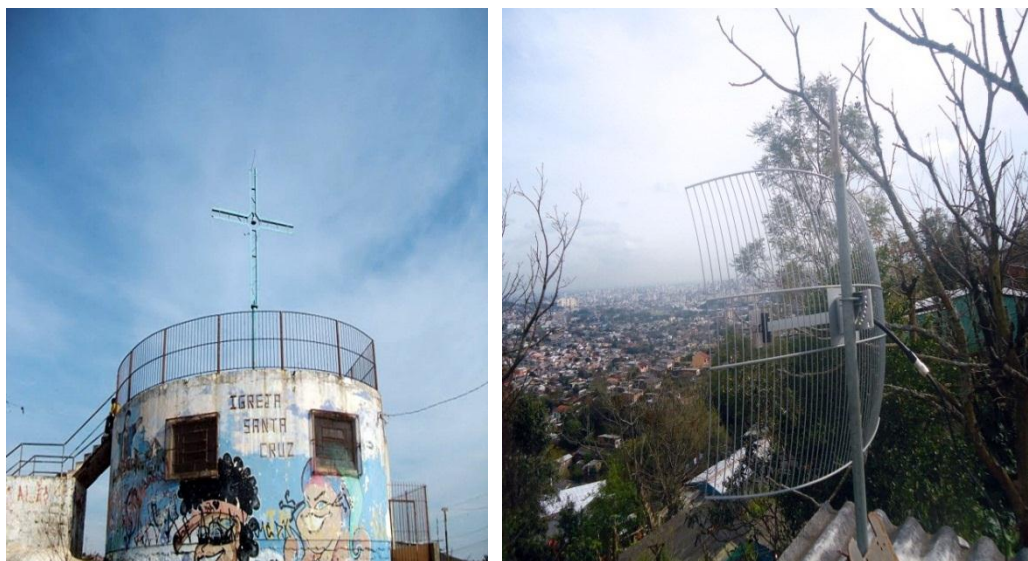
responsável por “transmutar exclusão em inclusão” (Pinheiro Machado & Scalco, 2010) pelo menos no quesito da aparência física<sup>13</sup>, subvertendo a ordem estabelecida.

## 6 CONEXÕES DE SOLIDARIEDADE – O PRÓPRIO BAIRRO

É interessante como Toni faz uma distinção entre o “trabalho social” que realiza na Ilha da Pintada e o envolvimento dele no próprio bairro popular onde mora. Com esses seus (quase) pares, há outro tom... Aqui, onde está inevitavelmente envolvido na sociabilidade da vizinhança, sua competência técnica lhe leva a uma participação que vai de “professor” (nos cursos de informática) e benfeitor da comunidade e até, muitas vezes, amigo pessoal.

### 6.1 Benfeitor da Comunidade: Entre a Cruz e as Antenas...

Para além dos cursos, Toni – que pode ser considerado uma liderança do bairro – possui uma preocupação com o dia a dia dos moradores.



Pórtico no Morro da Cruz e antena localizada na casa do Dj Saúva. *Fonte:* Lucia Scalco (21/08/2011).

<sup>13</sup> Jurandir Costa (2005), ao pesquisar o que denomina de “consumo desenfreado da juventude”, aponta que esse novo modo de vida – caracterizado pela necessidade contínua da compra de novos produtos, pelo cuidado com a aparência física (...) Estas identidades e mesmo as suas práticas culturais são cada vez mais influenciadas pela chamada “mundialização da cultura”, que combinam inventivamente elementos do capitalismo global e da cultura local. Nas palavras de outro pesquisador, Ortiz: “Tênis, calça jeans, internet são referências desterritorializadas que fazem parte de um novo léxico de uma memória juvenil internacional-popular, aproximando jovens de diferentes nacionalidades, etnias e classes sociais (ORTIZ, 1994, p. 123).

Atualmente ele tem um desafio: quer resolver o que considera a maior barreira existente para o acesso à internet lá em cima do Morro – a conectividade, ou o sinal da internet para a qual, nas atuais circunstâncias, um morador teria que pagar no mínimo cerca de 60 reais por mês para uma operadora privada<sup>14</sup>. Por enquanto, a única operadora que atende a região é a GVT, que só oferece, depois de longa espera em uma fila de interessados, 1 mega de velocidade, *apanhando*. A outra opção disponível é o modem 3G, porém essa opção ainda é considerada muito cara, a velocidade é instável e ruim, além de não atender a todos os locais, pois no morro existem vários pontos cegos, locais onde o sinal não chega. Toni explicou que existem algumas pessoas que possuem uma boa banda larga, e que inclusive revendem o sinal clandestinamente. “Eu conheço alguns. Um é o Tuca. Ele mora perto da cruz, último local que a operadora trabalha. Daí ele revende o sinal – via antena e um modem *Wi-fi* – por 40 reais. Nem é tão caro, mas pra realidade local é. Mas tem gente que já consegue pagar.” Como o Toni começou a usar e a pesquisar sobre as diversas potencialidades existentes nas redes sem fio (*Wi-Fi*), acreditou que conseguiria enviar sinal *pra cima do morro*. A sua ideia original era colocar uma antena na casa da sua mãe e reenviar o sinal para outra antena, instalada na casa do Saúva. Com um sinal forte, seria possível distribuir o sinal gratuitamente para quem não tem acesso à internet. Além do sinal, estava nos planos ensinar as pessoas a fazerem suas próprias antenas. Mais adiante será visto por que essa iniciativa comunitária e outras têm dificuldade em dar certo:<sup>15</sup>

## 6.2 Quebrando o Galho dos Amigos

Se Toni não consegue resolver os problemas coletivos, ele é constantemente convocado para investir suas energias de “trabalho social” para quebrar galhos individuais dos amigos e vizinhos do bairro. Por intermédio das suas redes sociais (Toni é muito ativo e

---

<sup>14</sup> O Brasil tem a banda larga mais cara do mundo. Para usar a internet convencional através de um pacote ilimitado, o brasileiro gasta US\$ 31,31 (cerca de R\$ 54,79) e conta com uma velocidade de apenas 512 Kbps. Cada Mbps custa US\$ 61, muito acima do preço cobrado pela Turquia, por exemplo, que vende o dobro de internet por US\$ 30. O Vietnã tem 1,5 Mbps a US\$ 8,72. Já a qualidade da rede no país é inversamente proporcional aos altos preços pagos. O Brasil está atrás de países como Níger, Haiti, Etiópia e Angola quando o assunto é a rapidez da banda larga. Os dados fazem parte do relatório anual de TICs: Medindo a Sociedade de Informação 2011, da UIT (União Internacional de Telecomunicações) órgão da ONU. Disponível em: [www.itu.int/ITU-D/ict/publications/idi/2011/](http://www.itu.int/ITU-D/ict/publications/idi/2011/) Acesso em: 08/01/2012.

<sup>15</sup> A tentativa deu-se através de duas antenas de 25 dpi de grade direcional e um roteador (D-Link High Speed 2.4GHz (802.11g) com uma conexão de 1M. Mas essas ferramentas não conseguiram compartilhar o sinal.

tem muitos amigos em ambas as redes, *Orkut* e, principalmente, no *Facebook*)<sup>16</sup> vai distribuindo ajuda, dicas, afeto e mais recentemente está começando a ter que dizer não.



Feitura da antena “caseira”. Fonte: Toni 15/03/2011.

Ou seja, são dimensões constitutivas dessa Rede de Reciprocidade Digital. Esses pedidos muitas vezes estão relacionados aos conhecimentos técnicos de Toni, que são supostos poder de resolver uma quantidade impressionante de problemas – desde o conserto do computador até o manuseio adequado de *softwares*:

CHRISTIAN: Toni... finalmente consegui tirar aquele recado xarope do meu PC. Obrigado xará, agora meu Win7 tá **Pirata ORIGINAL** dinovo hehe. Valew

FerNaNdOo: Toni... Tem **um cara querendo me vender um note book de barbada**. Quería que tu desse uma opinião e tal... Quando vai tá livre? O cara vai deixar comigo o note no máximo até domingo! Nesse meio tempo, se tu tiver um tempo...

M@ \$o@re\$: o Toni eu me esqueci a senha do mew orkut **oq eu faço???**

TAMIRESSЯT<sup>a</sup>: : oieee Toniii tu sabe me dizer quandoo mais ou menoss o pc vai fik bom??? **tô com xaudades dele**

---

<sup>16</sup> A interação social que acontece nas redes sociais proporciona um novo tipo de sociabilidade em que o encontro de indivíduos não depende das variáveis *tempo* e *espaço*. Especificamente, constatei que as redes de sociabilidade dos jovens de classe popular que pesquisei (SCALCO, 2009) operam empiricamente por dinâmicas de sociabilidade no bairro, com uma lógica em que o pertencimento e o reconhecimento estão vinculados ao seu cotidiano, à turma da escola, aos amigos, à família e aos vizinhos. As redes sociais são apropriadas por esses jovens como uma ferramenta bem prática, pontual e utilitária.

Toni é solicitado pela sua *expertise*, mas também – em reconhecimento das conexões sociais dele – devido a sua facilidade de acesso a *softwares*, *hardwares*, peças usadas e acessórios:

Negro Moura: E ai Toni... olha so eu tenho um monitor, teclado, mouse so falta a sepeu o que acha de vc ver pra mim isso **ai vcs podem me tirar da lista dos quem ã tem ta valeu abraçsssss**

Tamires: Oi Toni tudo bem. quando que vc vai **poder me emprestar a câmara???** eu stou precisando pra tirar umas fotos da minha barriga pra guardar de lembrança em quanto é tempo

O que Toni recebe em troca por esses esforços é, antes de tudo, uma efusão de sentimentos e manifestações apreciativas de seu companheirismo:

**\*A\* \*FAVORITTA\***: e aiiiiiiii vizinho **converssas só online** mesmo!!!  
´passando pra te deixar um abraço!!

Wesley: Toni faz a quele favorzinho...inprima uma copia para mim tem que ser hoje...para eu entregar quarta.f. **depois eu faço um favor para ti...**

Jefersson: o Toni tu tiver um estabilizador **pra me vender baratinho** me avisa.. e o futebol aos domingos num rola mais???

Só de vez em quando, alguém fala na possibilidade de pagamento em dinheiro:

Douglas: Toni... Tem uma mão de pc pra ti fazer se puder! Minha amiga tá sem internet por causa de uma configuração inadequada ou algo assim no computador dela... Se tu puder ver. **Rola uma graninha, claro!** É a Luana! Que trabalhava no Murialdo antes. Tu tem ela add no teu orkut!

Mas Toni parece bem filosófico sobre a possibilidade de ser pago em dinheiro: “não existe dinheiro, como cobrar de alguém que não tem para pagar? É simples assim. Tem pessoas que têm condições e tem as que não têm”!

### **6.3 Ser Educador Social – uma Vocação Pessoal e uma Opção Política**

Ao comentar o “assédio” diário que vive e a falta de pagamento pela maioria do que faz, Toni volta para a questão de solidariedade. Lembra do início da sua *caminhada*, em 1999, ano da sua formatura e quando a informática era para ele só um trabalho: “ não dava bola pros outros, queria só saber do salário, não me afetava com as questões sociais,

mas a medida que fui enxergando os problemas, vi que a comunidade precisava mais de mim do que eu dela e foi então que decidi ser um educador social.<sup>17</sup>

Toni fez, portanto, uma opção política e pessoal em trabalhar com jovens carentes. Recebe salário por essa tarefa, tem carteira assinada, mas se sente *no social*. Também tem ciência que trabalha muito mais do que as horas contratadas e que poderia ter uma remuneração maior se fosse trabalhar em uma empresa. Seu compromisso, conforme suas palavras, “*é com o aluno*”, e Toni sente-se na obrigação moral em atendê-lo nas suas mais variadas demandas, como foi exemplificado nas mensagens postadas em suas redes sociais: “simplesmente não sei dizer não, faço tudo o que eu posso, porque entendo que é essa a minha obrigação”. Ele acredita que o caminho é avançar via projetos sociais de instituições, o que não o impede de ter uma visão apurada sobre essa problemática. Apontou também outros entraves, como a questão do que classificou como *um problema do “autoego” das pessoas, que só querem visibilidade*. Para ele, a maioria dos que trabalham com o *social* só se preocupa com os seus respectivos trabalhos e vê os projetos das outras instituições como concorrência. Ele não concorda com essas atitudes e inclusive desenvolveu um projeto – com o nome *Quem não é visto, não é lembrado* – para tentar amenizar essas práticas que denominou *individualistas*. A ideia central era a construção de um *site*, para que as diferentes instituições, associações e entidades sociais existente no Morro da Cruz conseguissem se comunicar com mais eficiência, trocando, disponibilizando e otimizando recursos e experiências. Porém não teve prosseguimento: “não deu em nada, ninguém usou.”

Torna-se evidente o quanto a motivação do “trabalho social” acaba tomando conta da vida de Toni. Não só os dois empregos que ele tem se remetem ao campo institucional da “educação social”, mas o mesmo espírito de doação ocupa as horas “livres” de Toni, rivalizando eventualmente com certos projetos familiares. Uma questão fundamental chega a se colocar sobre as recompensas desse trabalho. Será que o

---

<sup>17</sup> Essa é a designação que atualmente os projetos sociais estão utilizando para nomear o trabalho dos professores. Conforme esclarece Carvalho & Carvalho (2006), a Educação Social faz parte de uma política compensatória para a infância e a juventude oriundas das classes populares em situação de vulnerabilidade social, cujo objetivo é o de possibilitar a inclusão dessa parcela de indivíduos na sociedade, minimizando as tensões e a crescente desigualdade social. Um dos marcos teóricos dessa ação pedagógica é a obra de Paulo Freire, que norteia e embasa a maioria dos estudos. Esse autor é citado por Toni no seu Orkut.

reconhecimento (em termos de prestígio e apreço dos membros de sua rede) compensa os lucros modestos que ele recebe em termos pecuniários?

## **7 DINHEIRO X DOAÇÃO**

Zelizer (2009) já elaborou uma análise sobre a maneira em que o ideário contemporâneo tende a separar dinheiro (utilitário) de outros assuntos mais nobres (família, amizade, afeto...), criando assim a ideia de dois “mundos hostis”. Nesse ideário, a mistura desses dois mundos produziria efeitos negativos. A emoção complica os negócios, o dinheiro corrompe os afetos. É interessante ver a que ponto Toni constrói o “trabalho social” como algo distinto de assuntos de dinheiro.

Toni frisa (conforme visto anteriormente) que ele poderia estar ganhando bem mais se fosse trabalhar profissionalmente e cita seu professor José como exemplo. José foi meu informante na dissertação de mestrado: tem 49 anos de idade, está sem filhos e insiste que trabalha como *educador social* por opção. Não é exatamente trabalho voluntário, pois recebe salário, mas ele afirma (e todos que o conhecem concordam e vivem reforçando) que, se fosse para o “mercado”, provavelmente ganharia muito mais dinheiro<sup>18</sup>. No entanto, Toni constrói sua própria postura, fazendo a distinção com a atitude de outra figura igualmente próxima a ele (DJ Saúva), mas que aparentemente não tem a mesma vocação pelo trabalho social. O *Dj Saúva* não entendia nada a respeito de computador e, a partir da sua paixão pela música, aproximou-se da informática, uma vez que o estilo de sua preferência – o *Hip Hop* –, baseia-se na chamada música eletrônica. Eles se conheceram, e Toni convidou-o para ingressar no curso de informática no Murialdo, com a duração de seis meses. Na avaliação de Toni, só esse curto espaço de tempo já foi suficiente para que a informática *lhe abrisse várias portas na vida*. Logo depois, começou a trabalhar na instituição como educador social, depois virou Dj e produtor musical. Seguiu pesquisando, aprendendo, mas teve ajuda de muitas pessoas

---

<sup>18</sup> É um especialista em novas tecnologias. Apesar de não ter diploma universitário, seu conhecimento e erudição impressionam, pois domina a informática (tanto *hardware* quanto *softwares*) e as demais tecnologias digitais (imagem e som). Além disso, programa e desenvolve sistemas e é *webdesigner* (constrói *sites* na Internet). Atualmente administra toda a rede da escola Murialdo (que possui mais de 80 computadores) e ministra aulas em vários projetos da instituição (Ver SCALCO, 2008).



que lhe ensinaram, que repassavam o que sabiam por *solidariedade*. Segundo relatos de Toni:

Com todo esse apoio, o Saúva *acabou aprendendo como as coisas funcionavam* e desenvolveu algo bem interessante para conseguir acesso gratuito à internet, o problema é que agora ele está começando a querer cobrar por esse conhecimento. Não concordo! Até dos amigos, acredita? O Saúva marcou de ir instalar e ensinar para dois moradores do alto do Morro, nossos companheiros, e simplesmente não foi. Isso me chateou muito.

Toni lembrou-se, então, das inúmeras vezes que o ajudou, dos empréstimos de equipamentos (*notebook*, modem 3G, placas-mãe, máquinas fotográficas) e também de um episódio em que ganhou de uma educadora da ONG CAMP uma caixa cheia de placas de som (avaliadas em cerca de R\$ 40,00 reais cada) e que as doou para o Saúva. “Eu cobre isso dele? Claro que não, sei que ele precisa... Mas a verdade é essa que vou te dizer: pro pessoal lá de cima, é fácil tu dar, mas o difícil é receber algo em troca”. Contou ainda outro episódio quando os dois amigos pretendiam desenvolver juntos um estúdio e uma produtora musical, porém o projeto não avançou: “Eu queria que a nossa produtora tivesse um braço social, mas o Saúva não concordava, só queria dinheiro”. Toni desistiu do negócio, por avaliar que ainda é cedo manter um estúdio comercial lá em cima. “Não iria dar certo”!

Contou também outros episódios em que discordaram sobre a questão da remuneração do trabalho dispendido. Toni não se conforma que o Saúva não permita que o filho, por exemplo, que recém está iniciando a vida profissional, faça oficinas gratuitas para a comunidade. A pergunta é sempre a mesma. “Meu filho vai receber? Nós precisamos sobreviver” Na visão de Toni, Saúva esqueceu o início de suas *caminhadas*. Concluiu: “Ele é cabeça fechada. Acho que ele deveria procurar um emprego com salário, e nas horas vagas, trabalhar pelo social, se doar um pouco”.

### **7.1 E, No entanto, falta o dinheiro (Kiara)**

Para entender mais sobre a questão do dinheiro na vida de Toni, acabamos recorrendo a sua mulher Kiara, que, durante uma série de entrevistas, nos fez sentir que, de fato, o dinheiro (ou a falta de dinheiro) é central na existência deles. Ela trabalha como vendedora em uma pequena loja de bijuterias em um bairro de classe alta na cidade e me convidou para conhecer o que chamou de *novidades da moda verão*. Toni e Kiara vivem um atarefado dia a dia: eles acordam cedo, arrumam as mochilas e descem a pé

para a casa da sogra. Kiara perguntou-me então se o Toni havia me contado sobre o problemão que eles estavam precisando resolver. Respondi que não, e ela concluiu: “tinha certeza, acho que ele tem vergonha de estar passando por isso...”. Ela falou que, há cerca de um mês, uma equipe da Prefeitura os notificou como *moradia em zona de risco*<sup>19</sup>, que a casa deles estava localizada em uma área de encosta, avaliada como instável e suscetível a desmoronamentos. O fiscal anunciou: “a casa de vocês está condenada e tem muita chance de ser soterrada”. De fato, quando chegamos mais perto do cotidiano do Toni, mais as tensões e conflitos afloravam.

## 7.2 Outras Formas de Recompensa?

Mesmo na falta de um salário mais farto, é possível supor que Toni receba outros tipos de recompensa por seu trabalho. Não há dúvida de que Toni recebe reconhecimento pelo trabalho social que realiza. Seus jovens alunos, em particular, o tem como referência. Sua trajetória profissional e de vida é considerada de sucesso pelos alunos e por ele próprio, exemplo que reforça o discurso normativo e moralizante existente nessa Instituição, como na própria sociedade, sobre o universo dos jovens pobres da periferia; por ocasião da etnografia da dissertação de mestrado, ouvi de uma aluna sua: “o Toni é tudo de bom, ele é um de nós que conseguiu vencer”.

Entretanto, esse reconhecimento não proporciona necessariamente tudo que Toni esperava – por exemplo, em termos de sua segurança no morro. Toni me comenta um episódio que o abalou muito, porque ficou óbvio que quem roubou seu Playstation 3 (não havia ainda sido pago a primeira prestação), alguns jogos, um *notebook* e a sua máquina fotográfica digital (prejuízo calculado em cerca de 5 mil reais) foi alguém das suas relações, alguém que frequentava a sua casa e sabia dos horários e hábitos da família. Não levaram a sua carteira (que tinha dinheiro), a TV e nem outro computador que estava na sua casa para ser consertado. Perguntei o que ele havia feito, se tinha dado queixa na polícia e Toni, com uma postura conformista, deu de ombros e riu da ingenuidade da pergunta. Contou que vários amigos o aconselharam a procurar o patrão (nome do chefe do tráfico) e relatar o roubo, mas preferiu não envolver-se: “*se descobrissem quem fez –*

---

<sup>19</sup> Cerca de 4,5 mil famílias, localizadas em 80 áreas da cidade, estão sendo vivendo em áreas de risco de enchente, deslizamento ou incêndio e estão sendo monitorados pela Defesa Civil de Porto Alegre. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2011/01/porto-alegre-tem-600-familias-em-areas-de-risco-3175852.html>. Acesso em: 23/01/2012.

e acredito que isso é bem possível, pois foi alguém que frequentava a minha casa –, eles mesmos iriam fazer justiça. As punição para casos assim costumam ser bem violentas, variando entre quebrar um dedo, dar um tiro na mão e/ou uma surra no ladrão.” Toni avaliou: “isso não é para mim, iria me deixar pior, entende? Prefiro esquecer e ir em frente”.

Porém, mesmo não reagindo publicamente, *deixando pra lá*, Toni deu sinais que esse roubo foi algo difícil de digerir, pois, conforme as suas palavras, “não foram só coisas matérias levaram, foi a confiança nas pessoas. Convidava todo mundo pra ir na minha casa jogar e alguém me traiu. Como saber em quem confiar? Fora que foi de manhã, lá pelas 10 horas. Será que a vizinhança não viu ou não quer se envolver?” O assalto também fez Toni repensar sobre as ações nas quais participava junto à comunidade. Foi com a mulher de Toni, Kiara, que aprendi sobre outra decepção que ele passou em relação a eventuais ajudas que poderia esperar de seus vizinhos. Com a certeza de que não valeria a pena a mudança para o *apartamento* que a Prefeitura estava oferecendo, o casal consultou os fiscais sobre uma possível solução para o impasse: a construção de uma nova casa, bem no início do terreno, o que foi avaliado como plausível; no local escolhido, a família não correria mais riscos. O problema passou então a ser a escolha do tipo da casa. A preferência de Kiara era por uma casa pré-fabricada, (*muito mais barata e rápida*); já para Toni, o ideal seria a construção de uma casa *de material* (alvenaria), (*mais sólida e segura*) e construída em regime de mutirão<sup>20</sup> com os *amigos*. Entretanto, o pedido de ajuda de Toni foi ignorado, e ninguém compareceu no sábado marcado para ajudá-lo. “Ele ficou bem triste”, diz a Kiara. Esses dois eventos

---

<sup>20</sup> Existe certa idealização a respeito da prática do mutirão, que muitas vezes é associado a uma ajuda desinteressada; Oliven (2000) analisou a instituição do mutirão e mostrou que o mesmo originariamente nomeava o “processo de trabalho baseado na cooperação mútua, calcado na troca de favores, compromissos familiares e obrigações recíprocas” (OLIVEN, 2000, p. 39). Já para o contexto urbano, ele apontou algumas singularidades dessa prática, especialmente os realizados para a construção das casas das classes trabalhadoras, localizadas em loteamentos e bairros periféricos, e construídas com grande sacrifício aos finais de semana por seus próprios moradores e com ajuda de parentes e/ou amigos. Para o autor, essas práticas estão mais próximas de uma forma de trabalho não pago (que inclusive serviria para rebaixar o custo da reprodução da força de trabalho), do que da prática do mutirão, pois o mutirão extrapola a questão puramente econômica, possuindo um papel importante na definição dos laços de sociabilidade de uma comunidade. Para a construção das casas, a relação é de troca; aqui o sentido não remete a um sentimento de solidariedade; o construtor da casa recorre a pessoas a quem já ajudou ou se dispõe a ajudar um dia, ou seja, a ajuda ocorre com base na expectativa concreta de um dia ser auxiliado no momento em que se precisar.

vieram confirmar o que Kiara e a família de Toni há muito tempo notavam: “os amigos do Toni só querem saber do bem bom... São todos uns interesseiros. Mas acho que ele aprendeu, pois quando precisou... Cadê a ajuda?” A irmã de Toni acrescenta: “todo mundo lá em casa é contrário à ideia do Toni viver ajudando a comunidade, porque eles não dão nada de volta pra ele”, concluiu. No final, Toni também comenta a inviabilidade do popular *toma-la-da-cá* defendido por DJ Saúva, ou seja, a prática da troca, que se efetiva de diferentes maneiras; monetariamente, com o escambo de objetos, e/ou pela prestação de favores ou serviço. Porém, Toni avalia: “o que eles têm lá em cima para me dar? Dinheiro eles não têm, o que sobra? Sobra a tal ajuda”. Porém, ele alega estar desiludido, pois, quando finalmente precisou *de* “uma mão todos arrumaram uma bela desculpa”, como falta de tempo ou excesso de coisas para fazer. Toni, portanto, não recebeu apoio nem suporte, o que o levou à seguinte constatação: “descobri é com a minha família que eu posso contar, são eles o melhor que a gente tem... E então, pra mim, essa troca não vale”.

## **8 O PESSOAL LÁ DE CIMA PRECISA APRENDER A CAMINHAR SOZINHO**

De fato, Toni dá sinais que está chegando no limite desse tempo de “doação” – só que, em vez de evocar a própria necessidade, cita a única coisa que pode rivalizar, de modo legítimo, com o trabalho social – o bem-estar de sua própria família. Toni contou que agora é a vez da sua esposa *evoluir*.

Combinaram que ele assumiria mais o cuidado das crianças e com isso ela poderia voltar a trabalhar e estudar. Recordou que ela permaneceu em casa quando do nascimento dos filhos, mas que sempre eles investiram na sua profissionalização, *nunca ela ficou parada*. Durante esse período, realizou inúmeros cursos técnicos, como de pedicure, manicure, artesanato, bijuteria e o último, de corte e costura. “Possuímos quatro máquinas novinhas, acredita?” (aponta para as máquinas, sem uso, no fundo da sala da casa da mãe.) Por fim, concluiu: “são os altos e baixos que a minha esposa tem e eu vou apoiando ela. Estamos aí, sempre incentivando”. Contou também que Kiara recentemente fez uma laqueadura (método contraceptivo) para não ter mais filhos e que a decisão foi tomada conjuntamente, porém eles foram muito criticados por amigos e familiares. Toni argumenta que o seu projeto de vida agora é tornar-se um bom pai: “não quero só dar

coisas materiais pra eles, quero acompanhar o desenvolvimento, participar da educação... Estar presente no dia a dia, e mais filhos ia tornar tudo mais difícil.

A decisão de priorizar e dedicar-se aos filhos, levou Toni a abrir mão, ou ao menos diminuir bastante, o ritmo do trabalho social que ele desenvolvia na comunidade. E a repercussão dessa sua nova postura está sendo muito criticada. Ele escutou críticas como: “Ah! o Toni não é mais o mesmo, sumiu, não ajuda mais a comunidade”, o que lhe entristece, mas admite não ter mais disponibilidade porque suas prioridades mudaram. Na última vez que encontrei Toni, conversamos mais sobre a sua militância, ação política e as suas prioridades atuais, temas considerados *muito complicados* por ele. Lembra das suas dificuldades desde os primeiros passos da sua caminhada [no trabalho social], quando sua filha estava para nascer e que para sobreviver, fazia artesanato, vendia bijuterias, roupas... Enfim, “batalhava, sempre correndo atrás e sem receber nada, mas firme, tentando articular ações com o pessoal lá em cima (se referindo aos moradores de seu bairro)”. Entretanto, parece que as pessoas não estão nunca contentes. Recentemente, ouviu algo que interpretou como crítica ao seu desempenho: “os manos sempre deixam à mercê a sociedade”... Toni dá a entender que as pessoas não se dão conta o quanto ele se dedicou para a comunidade. E termina sentenciando: “o pessoal lá de cima precisa aprender a caminhar sozinho”.

### **NOTAS FINAIS: DICAS, AFETOS E AJUDA VIA WEB!**

Lá no início deste capítulo, foram ressaltados os múltiplos problemas que os moradores do bairro enfrentam para fazer funcionar seus computadores. Como usuários da classe média, precisam de ajudas constantes para fazer “rodar a carroça”, para destravar uma cpu, para tirar um vírus, etc. E, no entanto, como Toni frisou, “não têm dinheiro para pagar por esses serviços...” Conforme se pode ver em trabalho anterior, as pessoas do bairro não fazem muitas conexões para além do bairro. Não vão buscar um serviço remoto na Tailândia para consertar o computador. Usam o computador (Orkut, etc.) para estreitar laços com pessoas já conhecidas. Para conserto e manutenção, dependem (e por enquanto qualquer programa no Brasil de inclusão digital depende) de pessoas como Toni – pessoas dedicadas à causa do “social”.

A questão é até onde vai a dedicação desses “quase voluntários”? Certamente, a competência na informática de Toni tem mudado sua vida. É essa *expertise* que o

permitiu ser destacado nos primeiros cursos do Murialdo e que o levaram para o caminho do educador social. Seu envolvimento nesse campo (da educação social) é inegável e tem trazido um novo cabedal de ideias e valores para suas relações, tanto familiares como profissionais. Entretanto, também – ao que parece – tem exigido uma série de sacrifícios dele e da família. Quanto tempo um mediador aguenta nesse papel? (a não ser que seja um sujeito de classe média sem filhos que nem José). Será que Toni conseguiria outro emprego mais bem pago para aliviar as pressões financeiras sobre a sua família? Para ajudar a realizar um projeto familiar (ver Gilberto Velho, 2003) de ascensão que sua mulher e familiares estão esperando? São perguntas que não ousamos responder aqui, mas são perguntas que não podem ser ignoradas quando se considera o funcionamento e impacto de computadores na vida cotidiana dos moradores dos bairros populares.

### **Bibliografia**

APGAUA, Renata. **O Linux e a Perspectiva da Dádiva**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, n. 21, PPGAS/UFRGS, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**–Sobre a teoria da ação.Campinas: Papirus, 2005.  
*Goffman, o descobridor do infinitamente pequeno*. In: GASTALDO E. (Org).**Erving Goffman: desbravador do cotidiano**. Porto Alegre: Tomo Editorial,2004.

BURITY, Joanildo A. **Redes, parcerias e participação religiosas nas políticas sociais no Brasil**. Recife: Editora Massangana, 2006.

CAMURÇA, Marcelo A. *Seria a caridade a "Religião Civil" dos brasileiros?*2005.Disponível em: <http://www.ess.ufrj.br/siteantigo/publicacoes.htm>. Acesso em: 14/07/2012.

CARVALHO, Josué de Oliveira; CARVALHO, Lindalva R. S. O. *A educação social no Brasil: contribuições para o debate*. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000092006000100024&lng=pt&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100024&lng=pt&nrm=abn) . Acesso em: 13/07/2012, 2006

COSTA, Jurandir Freire. *Perspectivas da juventude na sociedade de mercado*.In: NOVAES,Regina; VANNUCHI,Paulo (Ed.). **Juventude e Sociedade**–Trabalho, educação, cultura e participação.São Paulo: 2005.

DUARTE, Luiz Fernando D. **Da Vida Nervosa**(Nas Classes Trabalhadoras Urbanas). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/CNPq, 1986.  
\_\_\_\_\_; GOMES, Edlaine. **Três Famílias**. Identidades e Trajetórias Transgeracionais nas Classes Populares.Rio de Janeiro: FGV, 2008.

FONSECA, Claudia **Família,Fofoca e Honra**.Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.  
GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**.Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

- LOMNITZ, A. Larissa. *Cómo sobreviven los marginados*. México: Editores Siglo XXI, 1989.
- MURILLO, Luis Felipe Rosado. **Tecnologia política e cultura na comunidade brasileira de software livre e de código aberto**. (Dissertação de mestrado) PPGAS,IFCH,UFRGS. Porto Alegre, 2009.
- NEVES, Delma Pessanha. *Pobreza e humanismo salvador: mediações subjacentes*. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 1, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582007000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582007000100005&lng=en&nrm=iso) Acesso 31/07/2012
- OLIVEN, Ruben. **A Antropologia de Grupos Urbanos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- ORTIZ, Renato. *Uma Cultura Internacional-Popular*. In: **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- POCHMANN, Márcio. *Juventude em busca de novos caminhos no Brasil*. In: NOVAES, R. e VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SARTI, Cynthia. *O jovem na família: o outro necessário*. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- VELHO, Gilberto. *Observando o Familiar São Paulo: In: Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.
- VIANNA, Hermano.. *Prefácio*. In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (Org.). **Software livre e inclusão digital**. São Paulo: Conrad do Brasil, 2003.
- PINHEIRO MACHADO, Rosana & SCALCO, Lucia. *Os sentidos do real e do falso: o consumo popular em perspectiva etnográfica*. **Rev. Antropol.** [online]. vol.53, n.1, 2010.
- SCALCO, L. **Falakenois**: etnografia de um projeto de inclusão digital entre jovens de classes populares em Porto Alegre (Dissertação de mestrado). PPGAS, IFHC-UFRGS. Porto Alegre, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre a sociabilidade virtual dos jovens das classes populares*. **PontoUrbe**—Revista do núcleo de antropologia urbana USP, ano 3, 2009. Disponível em: <http://www.pontourbe.net/04/luciamuryscalco-pu04.html>. Acesso em: 23/07/2012.
- ZELIZER, Viviana A. **Dualidades perigosas**. Rio de Janeiro: Mana. vol. 15, n. 1, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132009000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132009000100009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 14/07/2012.